

YouTube, ensino de bateria e cultura participativa digital: resultados de uma pesquisa concluída

Comunicação

Lucas Benjamin Potiguara
Universidade Federal da Paraíba
lucasbenjamimp@emo.ufpb.br

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que investigou os canais de YouTube Tocando Bateria do Zero e Marques Galles Drumcamp, focados no ensino de bateria, com ênfase na estruturação pedagógica, estratégias metodológicas e de divulgação. O objetivo principal foi entender como os produtores de conteúdo de bateria no YouTube articulam suas práticas de ensino com as especificidades da cultura participativa digital, teve com objetivos específicos: caracterizar o YouTube enquanto fenômeno da cultura participativa digital e espaço de ensino e aprendizagem de música; conhecer o perfil artístico e de formação dos bateristas selecionados; analisar o papel das técnicas de produção de vídeo, formatos e conteúdos nas práticas de ensino dos bateristas; observar como a participação e interação entre produtor e público influencia na produção dos canais estudados. Como referências teóricas trago a cultura participativa digital (Beltrame et al., 2023) e o YouTube (Burgess; Green, 2009). A pesquisa, de caráter qualitativo, utilizou entrevistas semiestruturadas e análise documental das produções audiovisuais dos canais. Os resultados demonstram que o YouTube vai além de um canal de distribuição de vídeos, configurando-se como um espaço interativo onde educadores e músicos adaptam suas abordagens para atender tanto às demandas do público quanto às exigências da plataforma.

Palavras-chave: YouTube; cultura participativa digital; ensino de bateria.

Introdução

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado¹ concluída no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba, que investigou as práticas de ensino dos canais *Tocando bateria do zero* e *Marques Galles Drumcamp*.

¹ Bolsista CAPES.

A internet abriu novas possibilidades para o aprendizado de instrumentos musicais. De acordo com Gohn (2016), é possível encontrar uma variedade de materiais didáticos e videoaulas, facilitando o acesso dos estudantes a conteúdos pedagógicos musicais. Marques (2021a, 2021b), Silva (2020) e Lopes (2021) destacam que o ensino musical online tem características próprias, que podem ser integradas às práticas de músicos e professores, e que o YouTube é um ambiente significativo tanto para a produção quanto para o consumo de conteúdos pedagógicos.

Beltrame (2016) aborda a aprendizagem no ambiente digital, destacando fatores como a disponibilidade contínua dos materiais, a aprendizagem colaborativa e as interações com outros usuários. As mídias sociais, como o YouTube, desempenham um papel importante não apenas como canais de interação, mas também como ambientes de registro e armazenamento de conteúdos, facilitando o aprendizado entre pares (Burgess e Green, 2009).

No entanto, o YouTube não deve ser visto apenas como um espaço para compartilhamento de conteúdo. Ele é uma plataforma de cultura participativa, que incentiva a interação entre os usuários por meio de cliques, likes, dislikes e comentários, criando engajamento. A cultura digital modificou a maneira como interagimos e nos relacionamos com os conteúdos consumidos nas plataformas digitais (Beltrame, 2016). Como discutido por Beltrame et al. (2023), a cultura participativa digital apresenta novas concepções sobre participação e interação, impactando diretamente a criação, interpretação, consumo e aprendizagem musical.

Assim, considerando que a produção de conteúdo voltado para o ensino de bateria está presente no YouTube, surge o problema desta pesquisa: *Como os produtores de conteúdo de bateria no YouTube integram suas práticas de ensino com as particularidades da cultura participativa digital?*

Desse modo, a pesquisa objetivou entender como os produtores de conteúdo de bateria no YouTube articulam suas práticas de ensino com as especificidades da cultura

participativa digital. Para abordar essa questão, utilizei a pesquisa bibliográfica, explorando conceitos teóricos e materiais disponíveis, além da pesquisa documental, utilizando entrevistas e a observação para discutir e responder a esse problema de pesquisa. Nesse contexto, busquei identificar as particularidades do ensino de bateria através da cultura participativa digital e as contribuições que podem ser trazidas para a Educação Musical.

Pesquisas, conceitos e articulações teóricas

YouTube, Educação Musical e Cultura Participativa: reflexões a partir dos artigos relacionados

Na revisão de literatura, foram selecionados e organizados trabalhos que relacionam *Educação Musical com YouTube*, *Educação Musical com Cultura Participativa*, e *YouTube com Cultura Participativa*, com foco na prática pedagógica e no ensino no YouTube, integrado às características da cultura participativa digital.

Foram encontrados cinco trabalhos que tratam da *Educação Musical e YouTube*. Santana et al. (2021) discutem uma experiência de ensino remoto com tecnologia no 2º ano fundamental, utilizando o YouTube e outros recursos digitais para ensinar sobre a família dos instrumentos musicais. Lopes (2021) analisa a pedagogia do ensino de acordeom no YouTube e a importância das interações no canal Jovenil Santos, evidenciando a relevância das interações para o aprendizado. Marques (2021a) explora as características do ensino musical online e a integração das mídias sociais na prática profissional de músicos. Marques (2021b) investiga o ensino de canto no YouTube, observando práticas de ensino e metodologias de pesquisa em ciberespaço. Silva (2020) examina o ensino de saxofone na era digital e a prática pedagógica de professores/produtores no YouTube, concluindo que o YouTube é um espaço significativo para o aprendizado e atuação profissional.

Sobre *Educação Musical e Cultura Participativa*, apenas um trabalho foi encontrado: Araújo (2022). O autor investigou o projeto *#30dias30beats*, focando na aprendizagem musical através da criação e produção de músicas na cultura participativa. Araújo (2022)

destacou a importância da troca de ideias e a criação de redes de apoio entre os participantes do projeto, refletindo a dinâmica da cultura participativa digital no aprendizado musical.

Sobre *YouTube e Cultura Participativa*, Souza (2020) foi o único estudo encontrado. Sua pesquisa explora como a cultura participativa se manifesta no YouTube, analisando a relação entre produtores de conteúdo e sua audiência, e como isso pode gerar comunidades de fãs autônomas. Apesar de não abordar diretamente a Educação Musical, o estudo revela o potencial do YouTube para formar comunidades e engajar audiências, o que pode ser aproveitado por educadores musicais.

A revisão revelou uma lacuna na pesquisa sobre o ensino de bateria no YouTube e na interseção entre Educação Musical e Cultura Participativa Digital. Embora existam contribuições significativas sobre outros aspectos da Educação Musical no YouTube e sobre a cultura participativa digital, há uma necessidade de mais estudos específicos sobre o ensino de bateria e a aplicação da cultura participativa no contexto educacional musical.

YouTube e Cultura Participativa Digital

A pesquisa teve como referencial teórico a cultura participativa digital e o YouTube. O YouTube não foi visto apenas como uma ferramenta, mas como um ambiente único que facilita o compartilhamento e o consumo de conteúdos, promovendo experiências distintas de ensino e aprendizagem.

Pattier (2021) destaca que o sucesso do YouTube se deve à sua natureza pública e acessível, com recursos atualizados constantemente e um algoritmo que posiciona vídeos com base nas interações do público (Pattier, 2021, p. 681). Burgess e Green (2009) observam que o YouTube é uma plataforma de aprendizado colaborativo, onde qualquer pessoa pode compartilhar e aprender sobre uma variedade de tópicos.

Burgess e Green (2009) definem o YouTube como um espaço de cultura participativa, onde a aprendizagem musical é enriquecida por diversas concepções

pedagógicas e estratégias específicas para a plataforma. Pesquisas de Marques (2021a; 2021b), Silva (2020) e Lopes (2021) evidenciam que o YouTube oferece novas formas de aprendizagem musical e propõe diferentes abordagens pedagógicas adaptadas ao ambiente digital.

Em um artigo (Potiguara, 2023), discuto o YouTube como um espaço significativo para a aprendizagem musical, baseado em minhas experiências pessoais e dados de pesquisas anteriores. O artigo destaca a importância do YouTube e questiona como essa plataforma poderia impactar o ensino para turmas iniciantes. Pude perceber que, além de ser um espaço valioso de aprendizado, o YouTube oferece uma experiência educacional diferenciada, influenciada pela natureza da cultura participativa digital.

Para compreender o conceito de cultura participativa digital, é importante definir cultura participativa e cultura digital. Assim, a partir de uma discussão iniciada no texto de Beltrame et al. (2023) a partir dos trabalhos de Jenkins (2006; 2009), Kenski (2018), Beltrame (2019), Tobias (2013), Almeida (2010), Barros e Beltrame (2022) e Barros (2020), trago esses mesmos trabalhos e acrescento a esta discussão o conceito de plataforma estudado por Westerman (2023).

Jenkins (2009) define cultura participativa como “cultura em que fãs e outros consumidores são convidados a participar ativamente da criação e da circulação de novos conteúdos” (Jenkins, 2009, p. 386). Jenkins et al. (2006) detalham características dessa cultura:

1. poucas barreiras para a expressão artística e o engajamento cívico;
2. grande apoio à criação e compartilhamento de criações com outros;
3. algum tipo de orientação informal, onde o conhecimento dos mais experientes é compartilhado com os iniciantes;
4. membros acreditam que suas contribuições são significativas;
5. membros experimentam algum grau de conexão social entre si (no mínimo, se importam com a opinião dos outros sobre o que criaram) (Jenkins et al, 2006, p. 7).

Portanto, considero na pesquisa que a cultura participativa é fundamentada na colaboração, permitindo que os indivíduos participem ativamente na criação e no compartilhamento de novas ideias. É a interação entre os participantes que dá origem a essa cultura, onde a colaboração permite que um indivíduo ensine ao outro e todos se envolvam na criação de algo novo. Embora essas práticas ocorram em diversos ambientes, minha análise foca no YouTube, buscando entender como essas práticas se manifestam especificamente na plataforma.

A cultura digital, portanto, abrange uma gama ampla de perspectivas que incluem não apenas a adoção e o uso das tecnologias digitais, mas também as profundas transformações que essas tecnologias provocam na sociedade. Segundo Kenski (2018), a cultura digital engloba diversas visões relacionadas à incorporação, inovações e avanços no conhecimento possibilitados pelo uso das tecnologias digitais. A autora também destaca a importância das conexões em rede, que promovem novas formas de interação, comunicação, compartilhamento e ação na sociedade contemporânea. Essa abordagem abrangente reflete a complexidade e a dinâmica desse fenômeno em constante evolução.

Beltrame (2019) observa que a cultura digital se baseia na forma como as pessoas interagem com informações, aproveitando as possibilidades oferecidas pelo tratamento digital de som, imagem e texto para produzir e disseminar conteúdo de maneira ativa.

Westermann (2023) analisa o fenômeno da plataformização na educação, destacando conceitos como *datafication*, *personalization* e *commodification*, que moldam as práticas educativas digitais. Esses conceitos evidenciam como a plataformização altera as práticas de ensino, criando novos padrões de interação e aprendizagem.

Assim, a interação com a informação digital pode fomentar uma cultura participativa em que indivíduos se envolvem ativamente na criação e compartilhamento de conteúdo musical. Embora a tecnologia não seja essencial, ela desempenha um papel importante na forma como as pessoas colaboram e interagem com a música, podendo também fortalecer a

cultura participativa, permitindo o surgimento de novas relações e comportamentos (Tobias, 2013), (Almeida, 2010).

Beltrame et al. (2023) discutem a união dos conceitos de cultura participativa e cultura digital no contexto da educação musical, resultando na *cultura participativa digital*. Eles destacam como essa cultura promove práticas pedagógico-musicais específicas e apresentam exemplos dessas práticas, baseados em estudos anteriores.

Barros e Beltrame (2022) argumentam que a cultura participativa digital favorece o desenvolvimento de “manifestações e práticas pedagógico-musicais próprias, com maneiras específicas de produção e circulação” (Barros; Beltrame, 2022, p. 8). Beltrame et al. (2023) ampliam essa ideia ao atualizar e adaptar exemplos de práticas musicais que consideram características dessa cultura, fundamentando-se em estudos anteriores, como o de Tobias (2013). A seguir, apresento o quadro elaborado pelos autores para ilustrar essas práticas.

Quadro I: Possibilidades de práticas musicais na cultura participativa digital

Práticas	Breve explicações, possibilidades e autores que versam sobre tal prática
Arranjos e(m) multipista	Práticas solo ou coletiva de arranjos de obras musicais originais — ou ainda composições autorais — utilizando-se de softwares de edição de áudio, com o recurso de múltiplas pistas (camadas) de áudio, por exemplo. Tais produções podem ser exibidas com vídeos “mosaicos”, onde as múltiplas partes são demonstradas visualmente em quadros [cf. COSTA (2022); GARCIA (2021); MARQUES (2020)]
Comentários e discussões	Compartilhar escutas musicais, feedbacks, etc. Participar de discussões sobre trabalhos originais, versões resultantes de práticas musicais digitais, festivais, com comentários em mídias sociais como Instagram, YouTube, TikTok, Twitter, etc. [cf. TOBIAS, 2013; FERREIRA, 2014; VENTURA, 2018]
Paródias e sátiras	Performance ao vivo ou produções de versões alterando letras ou fazendo vídeos de teor humorístico e/ou ressignificado acerca do original. Tais práticas podem ser percebidas com recursos das mídias sociais. [cf. TOBIAS, 2013]

Reapropriações	Uso de obras musicais, fora de seu contexto original, como conteúdo para outras mídias, como vídeos e coreografias. Conteúdo encontrado em mídias como TikTok e Instagram, como, por exemplo, o formato reels. [cf. PENNA; BARROS, 2022; PENNA; MARINHO, 2018]
Produções baseadas em sample	Produzir ou tocar diferentes músicas repetindo, manipulando ou reordenando conteúdos musicais (samples) do original. [cf. BONFIM, 2022; ARAÚJO, 2022]
Produções covers	Performance individual — ou em grupo — imitando ou fazendo alguma variação de músicas de outros compositores [cf. MARQUES (2020); OLIVEIRA, (2011)]
Remixes	Produzir versões que mantêm a essência do trabalho original enquanto adiciona conteúdos musicais que mudam o contexto ou gênero. Versões produzidas tipicamente com tecnologias eletrônicas.
Mashups	Combinar elementos de uma ou mais canções originais através de justaposição ou, menos tradicionalmente, intervindo nas músicas para criar novas composições e criar novos meios de ouvir as originais.[cf. BELTRAME, 2018].
Vídeoaulas	Criar e/ou consumir vídeos para ensinar-aprender outras pessoas como tocar, cantar, produzir uma música ou desenvolver habilidades musicais e técnicas instrumentais/vocais. [cf. SILVA, R., 2020; MARQUES, 2021a; 2021b]

Fonte: Beltrame, Barros e Marques (2023, p. 25-26).

Desse modo, vejo o YouTube não apenas como uma plataforma da Cultura Participativa, mas como uma plataforma beneficiada da cultura participativa digital. Essa visão é sustentada tanto pelas práticas musicais na cultura participativa digital delineadas por Beltrame et al. (2023) no Quadro I, quanto pelas observações realizadas durante a investigação dos canais participantes.

Em canais com grande número de usuários, como os investigados por Silva (2020), Lopes (2021) e Marques (2021b), a interação entre produtores e consumidores pode alimentar um ciclo criativo que beneficia ambas as partes, ampliando o conhecimento de

quem consome e a qualidade do conteúdo na plataforma. No entanto, essa dinâmica também pode ser utilizada exclusivamente para benefício do produtor, seja para aumentar o engajamento e relevância do vídeo ou para promover a venda de cursos online. Essas práticas serão detalhadas na análise dos dados.

Assim, a cultura participativa digital na educação musical cria um ambiente dinâmico onde os indivíduos não apenas consomem, mas também produzem e compartilham conteúdo musical digital. Nesse cenário, a interação entre usuários é constante, com cada um contribuindo por meio de criações, comentários e discussões. Essa cultura se manifesta em práticas como videoaulas, covers e arranjos musicais, permitindo que os usuários compartilhem habilidades e colaborem mutuamente. Além disso, a diversidade de iniciativas, tanto individuais quanto coletivas, reflete a variedade de formas de participação e expressão no ambiente digital. As novas formas de interação e comunicação da cultura digital também influenciam como os indivíduos se relacionam, tanto dentro quanto fora desse ambiente.

Metodologia

Dado o uso da internet na realização desta pesquisa, foi fundamental discutir o papel da internet na pesquisa científica antes de definir a metodologia adotada. Frago et al. (2011) destacam as dificuldades de usar a internet em pesquisas empíricas nas Ciências Humanas e Sociais, ressaltando que a internet pode ser objeto, local, e instrumento de pesquisa.

A pesquisa utilizou a internet como objeto, local e instrumento de pesquisa, seguindo a perspectiva de Arroyo et al. (2017), que discutem o uso da internet como ferramenta de investigação e campo empírico na educação musical. Arroyo (2014) ressalta a importância de pensar a Educação Musical do século XXI à luz das mudanças trazidas pela internet e pelas mídias sociais.

Optando por uma abordagem qualitativa, a pesquisa utilizou entrevistas semiestruturadas e análise documental de vídeos do YouTube para coleta de dados. Durante

o processo de escolha dos participantes, foram selecionados dois canais que produzem conteúdos sobre bateria relevantes no Brasil, considerando sua relevância no YouTube. A coleta de dados foi realizada online, com entrevistas via Google Meet e WhatsApp.

A seleção dos participantes foi feita por meio de uma análise de canais de videoaulas de bateria no YouTube, baseada na relevância dos canais no Brasil e na disponibilidade dos professores. Inicialmente, usei uma conta nova no YouTube para evitar recomendações personalizadas e simular a busca de um usuário iniciante. Após buscar termos como “aulas de bateria” e “curso de bateria”, selecionei quatro canais recomendados. A escolha final foi reduzir o número de canais de quatro para dois, visando uma análise mais aprofundada e detalhada, em vez de uma abordagem apenas descritiva.

A transcrição dos dados da pesquisa foi realizada na plataforma Reshape, que utiliza uma Inteligência Artificial para transcrição. O texto transcrito permaneceu na plataforma, e as partes selecionadas foram inseridas em um documento para análise.

Os dados foram analisados com base no roteiro de entrevistas e na perspectiva da cultura participativa digital, organizando as informações coletadas em categorias e utilizando as contribuições de diferentes autores para interpretar os resultados.

Cultura participativa digital e ensino de bateria no YouTube

Neste tópico apresentarei os resultados das análises de dados obtidos na pesquisa, com foco nas práticas de ensino e nas dinâmicas de participação e interação envolvidas na criação de conteúdo no YouTube.

Práticas de ensino

Ao observar as aulas produzidas nos canais investigados, foi possível perceber que elas possuem características próprias, exigindo práticas de ensino específicas para torná-las interessantes e significativas para os alunos. Essas práticas refletem a cultura participativa

digital, que estimula métodos pedagógico-musicais únicos e adaptações específicas para a produção e distribuição de conteúdo (Barros; Beltrame, 2022).

No ambiente digital, o simples acesso à informação não garante aprendizado. Conforme Gutenberg Marques (2021b), “o ato de desenvolver práticas pedagógicas em um canal do YouTube traz consigo características próprias e peculiares” (Marques, 2021b, p. 99). Os produtores de conteúdo no YouTube devem criar aulas que sejam assertivas, significativas e aprimoradas pela interação com o público. A qualidade de áudio e vídeo, além da interação com o algoritmo da plataforma, são cruciais. Sanches (2023, p. 11), observa que “o algoritmo tem a responsabilidade de decidir para quem e quando um vídeo aparecerá em uma das páginas do site”, exigindo que os criadores ajustem suas práticas para aumentar a visibilidade e o engajamento.

As práticas de ensino de Marques Galles e Mateus exemplificam a adaptação ao conceito de cultura participativa digital. Ambos precisam considerar aspectos pedagógicos e estratégias específicas de produção e distribuição para engajar o público e alimentar o algoritmo da plataforma. Mateus, por exemplo, destaca o uso de um headset durante a gravação para tornar as aulas mais dinâmicas e claras, permitindo que ele fale enquanto toca, facilitando a compreensão dos alunos. Ele critica a prática comum de alternar entre voz e bateria, afirmando que “a maioria das pessoas [outros bateristas], para ter um som de qualidade, acaba cortando o sinal da voz, deixando só a bateria e o cara exemplifica, volta a voz, o cara fala, volta e toca de novo, sem a voz” (Mateus E1, 2023²).

No vídeo [Use o FLAM e suas viradas vão ficar poderosas](#), é possível perceber que a preocupação do Mateus não está na questão técnica da bateria. Ele utiliza um rudimento chamado Flam accent, entretanto não explica o rudimento tecnicamente, ele apenas se preocupa com a questão sonora, ou seja, o resultado sonoro do rudimento na bateria e no exercício proposto, não importando necessariamente como é feita a sua execução original.

² Trata-se de uma fala dita pelo entrevistado e retirada da dissertação. Está organizada primeiramente pelo nome do entrevistado e em seguida em qual das entrevistas foi dita. No caso foi uma fala dita pelo Mateus em sua primeira entrevista.

Isso reflete a estética dos conteúdos produzidos para a plataforma, na sua maioria os vídeos precisam ser simples e de fácil entendimento, sendo assim, um baterista que assistir a uma videoaula do Mateus conseguirá ao final do vídeo executar sua ideia. Sendo esse o ponto principal de sua aula, fazer o espectador tocar, independente de como isso aconteça.

As estratégias de Marques Galles e Mateus mostram que a adaptação ao YouTube exige produções que agradem e alcancem um amplo público. Mateus destaca que vídeos que não agradam podem prejudicar o canal, evidenciando que a preocupação vai além do conteúdo pedagógico para incluir a recepção e o engajamento dos espectadores. No YouTube, um vídeo bom é aquele que gera visualizações e alcance, não necessariamente aquele que oferece informações detalhadas para a aprendizagem. Consegui observar que tanto Marques Galles quanto Mateus tentam simplificar e facilitar a aprendizagem, refletindo uma prática comum na plataforma.

Embora a pesquisa não tenha avaliado diretamente a aprendizagem dos espectadores, analisou-se que as práticas de ensino dos bateristas são moldadas pelo formato da plataforma. Westermann (2023) destaca que plataformas digitais como o YouTube transformam o modo como consumimos conteúdos e interagimos, integrando-se ao cotidiano e influenciando nossas interações e relação com a informação, refletindo a crescente presença da tecnologia na sociedade contemporânea.

Criando conteúdo através da participação e interação

Souza (2017, p. 40) afirma que “as interfaces digitais podem proporcionar uma educação mais dinâmica, atual, interativa e participativa, por valorizar a interatividade. Aprendizagens múltiplas podem ocorrer, e pessoas com perfis e estilos diferentes podem ser contempladas.” Nesse sentido, a pesquisa mostrou que o YouTube se destaca por permitir aos usuários interagirem diretamente com os produtores de conteúdo, atendendo suas questões e necessidades.

Mateus exemplifica essa interação ao criar conteúdos baseados em sugestões de espectadores nos comentários de seus vídeos e perguntas recebidas em outras mídias sociais, como Instagram. Ele relatou que criou um vídeo sobre o medo de tocar ao vivo após receber muitas perguntas sobre o tema: “Muitas vezes as pessoas me perguntavam, ‘Mateus, eu tenho dificuldade de tocar ao vivo...’. E aí, eu fiz um vídeo sobre medo de tocar bateria ao vivo” (Mateus E2, 2023). O vídeo não aborda questões técnicas, mas oferece dicas para superar o medo de tocar ao vivo, e os comentários demonstram como as dicas foram úteis para outros bateristas.

Essa prática exemplifica a cultura participativa digital, onde a interação e o feedback dos consumidores criam um espaço de sociabilidade com códigos e estruturas próprios. Como Gohn (2016) aponta, a ausência de feedback direto pode dificultar a avaliação do aprendizado, tornando essencial que o criador ofereça canais de contato.

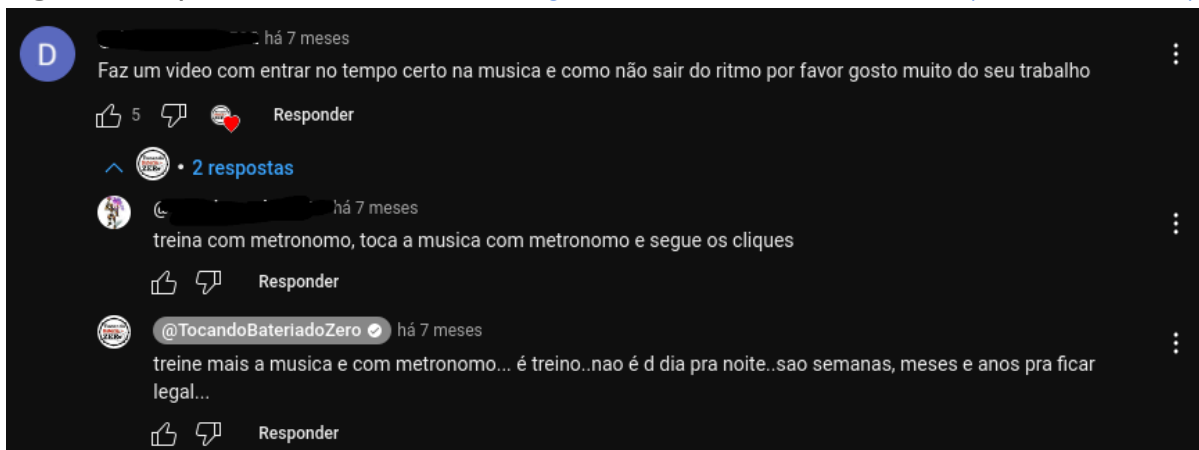
Mateus enfrenta desafios ao tentar responder todos os comentários devido ao volume e à falta de tempo, mas reconhece a importância da interação para o engajamento e a visibilidade do canal. Ele incentiva os comentários prometendo aulas adicionais se atingir um certo número de interações, utilizando o feedback como ferramenta para criar novos conteúdos.

Conforme D’Andrea (2020), “as plataformas atuam fortemente para reorganizar as relações interpessoais, o consumo de bens culturais, as discussões políticas, as práticas urbanas, entre outros setores da sociedade contemporânea” (D’Andrea, 2020, p. 7). Mateus também está explorando uma nova forma de engajamento ao corrigir vídeos enviados pelos inscritos e alunos em seu canal, promovendo um feedback mais interativo e dinâmico.

Essa prática não só mantém a interação com o público, mas também promove seus cursos pagos, permitindo correções detalhadas para alunos pagantes e obtendo feedback sobre o nível técnico dos inscritos. Observa-se que essa abordagem alinha-se às características da cultura participativa digital, onde os comentários e discussões nos vídeos servem como ferramentas de aprendizagem e engajamento entre os usuários.

Como mostrado na Figura 1, um espectador pediu um vídeo específico e outro usuário respondeu, evidenciando a troca de conhecimento e colaboração.

Figura 1: Captura de tela do vídeo [Corrigindo os vídeos dos inscritos 2 \(Novembro 2023\)](#)



Fonte: Arquivos do autor

O YouTube, portanto, proporciona uma plataforma inclusiva onde a interação aberta enriquece as práticas pedagógicas através da colaboração e troca de conhecimentos. Estudos como os de Marques (2021a; 2021b), Silva (2020) e Lopes (2021) confirmam que os comentários influenciam os conteúdos criados e servem como meio de socialização e aprendizado colaborativo, permitindo um diálogo contínuo e engajado entre espectadores e produtores.

Dessa forma, os comentários oferecem um canal direto de comunicação com os criadores de conteúdo, permitindo um diálogo contínuo e engajado que molda e enriquece a experiência tanto dos espectadores quanto dos produtores.

Considerações finais

Os dados coletados indicam que os professores entrevistados adaptam suas práticas com base nas expectativas do público e nas particularidades do algoritmo da plataforma. A interação por meio de comentários e feedback é essencial para ajustar e aprimorar o conteúdo, refletindo a essência da cultura participativa digital. Esse feedback não só orienta a

criação de novos conteúdos, mas também destaca a importância da participação ativa dos alunos no processo educacional.

Entretanto, essa dinâmica tem suas limitações. Muitas vezes, os conteúdos são simplificados para se adequarem aos formatos que geram mais engajamento e visualizações, direcionando os espectadores para cursos pagos mais aprofundados. Embora essa simplificação torne o aprendizado mais acessível, ela pode resultar em uma educação superficial para aqueles que não avançam para os cursos pagos, levantando questões sobre a profundidade do aprendizado proporcionado exclusivamente pelos vídeos dos canais.

Além disso, a pesquisa revelou que o YouTube serve como uma plataforma de promoção profissional para músicos e educadores musicais, funcionando como uma vitrine para trabalhos e cursos pagos. Apesar de não ser a principal fonte de renda para muitos, a plataforma oferece uma oportunidade significativa para divulgação e construção de uma presença profissional.

A análise dos canais de Mateus e Marques Galles mostrou que a plataforma pode ser integrada às práticas educacionais tradicionais, ampliando o alcance e a eficácia do ensino e da aprendizagem. Compreender como os alunos podem consumir conteúdo conscientemente no YouTube é fundamental para garantir um aprendizado significativo e produtivo.

Assim, uma das contribuições deste trabalho foi destacar a importância de estarmos alinhados com as demandas de um mundo cada vez mais interconectado. Enxergar o YouTube como um espaço dinâmico e valioso para o aprendizado, onde educadores e alunos podem se conectar de maneiras inovadoras e significativas, é essencial. Continuar a explorar e integrar esses espaços em nossas práticas educacionais é o caminho para práticas educativas mais significativas, participativas e digitais.

Referências

ALMEIDA, Luciano. *Etnomusicologia no ciberespaço: processos criativos e de disseminação em videocliques amadores*. Tese (Doutorado em Música) — Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. Disponível em:

https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Caroso-Etnomusicologia_Ciberspaco.pdf. Acesso em: 05 jul. 2024.

ARROYO, M. Mídias sociais como fontes de pesquisa documental acerca da educação musical contemporânea. In: XXIV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (ANPPOM). 2014, São Paulo. *Anais...* p. 1-10.

ARROYO, Margarete; BECHARA, Silvia Regina CC; PAARMANN, Heraldo. Educação musical, jovens e pesquisa na internet: compartilhando procedimentos metodológicos. *Opus*, v. 23: p. 67-90, 2017.

BARROS, Matheus Henrique da Fonsêca; BELTRAME, Juciane Araldi. Educação musical, tecnologias e pandemia: o que aprendemos e para onde vamos?. *Revista da Abem*, v. 30, n. 1, 2022.

BELTRAME, Juciane Araldi; BARROS, Matheus Henrique da Fonseca; MARQUES, Gutenberg de Lima. Cultura participativa digital, mídias sociais e educação musical. In: BELTRAME, Juciane Araldi... [et al.] (org.). *Práticas digitais em educação musical: reflexões e experiências*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2023. p. 21-38.

BELTRAME, Juciane Araldi. *Educação musical emergente na cultura digital e participativa: uma análise das práticas de produtores musicais*. Tese (Doutorado em Música). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

_____. PRÁTICAS E APRENDIZAGENS DE PRODUTORES MUSICAIS: ASPECTOS DE UMA EDUCAÇÃO MUSICAL EMERGENTE NA CULTURA DIGITAL E PARTICIPATIVA. *REVISTA DA ABEM*, [S. l.], v. 26, n. 41, 2019. Disponível em:

<https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/780>. Acesso em: 10 jul. 2024.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *You Tube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.

D'ANDRÉA, Carlos. *Pesquisando Plataformas Online: conceitos e métodos*. Salvador: EDUFBA, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32043>. Acesso em: 12 jul. 2024.

GOHN, Daniel Marcondes. Aplicativos para aprendizagem de bateria: o caminho do controle sonoro. *Música em contexto*, Brasília, ano 10, n. 1. p. 53-71, out. 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/231258531.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2021.

JENKINS, Henry. *Cultura de convergência*. 2º ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; CLINTON, Katie; PURUSHOTMA, Ravi; ROBISON, Alice J.; WEIGE, Margaret. *Confronting the challenges of participatory culture: media education for the 21st century*. Chicago: MacArthur, 2006. Disponível em: https://www.macfound.org/media/article_pdfs/jenkins_white_paper.pdf. Acesso em 10 jul. 2024.

KENSKI, Vani. Verbetes CULTURA DIGITAL. In: MILL, Daniel (org.). *Dicionário Crítico de Educação e Tecnologias e Educação a Distância e de educação a distância*. Campinas: Papyrus, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/43844286/Verbetes_CULTURA_DIGITAL. Acesso em: 11 jul. 2024.

LOPES, Francisco Maykon Honorio. *A pedagogia musical on-line no ensino de acordeom: uma análise do canal Jovenil Santos no YouTube*. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

MARQUES, Gutenberg de Lima. *Conteúdos pedagógicos de canto em mídias sociais: aspectos e características de vídeos no YouTube*. 2021. 98 f. Monografia (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021a.

_____. *Práticas de ensino e aprendizagem de canto nas mídias sociais: um estudo sobre o espaço pedagógico-musical Youtube*. 2021. 155 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021b.

PATTIER, Daniel. Edutubers: Los influencers de la educación informal a través de YouTube. In: *Cultura participativa, fandom y narrativas emergentes en redes sociales*. Dykinson, 2021. p. 679-696.

POTIGUARA, Lucas Benjamin. O YouTube como um espaço para o aprendizado do baterista. In: BELTRAME, Juciane Araldi... [et al.] (org.). *Práticas digitais em educação musical: reflexões e experiências*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2023. p. 189 - 200.

SANCHES, Gabriel Rodrigues da Silva. *Entendendo o algoritmo do YouTube: estratégias de criação de presença online*. Trabalho de Conclusão de curso (TINFEM) – IFPR (Instituto Federal do Paraná), Londrina, 2023. 30f.

SANTANA, Meyrla Conceição Lins; SCOTTI, Adelson Aparecido; BATISTA, Joelson. Educação Musical E Ensino Remoto Emergencial: Um Relato De Experiência No PIBID/Música. *Jornada de Iniciação Científica e Extensão*, v. 16, n. 1, p. 263, 2021.

SILVA, Roger Cristiano Lourenço da. *O ensino de saxofone na era digital: um estudo sobre professores/produtores do YouTube*. 2020. 161 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SOUZA, Caroline Mazzer de. *A cultura participativa no YouTube: relação entre ídolos-fãs em canais brasileiros*. 2020. 195 f. Dissertação (Mestrado em comunicação) - Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2020.

SOUZA, Vivian Martins Lopes de. *Os cibervídeos na educação online: uma pesquisa-formação na cibercultura*. 2017. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

TOBIAS, Evan. *Toward Convergence: Adapting Music Education to Contemporary Society and Participatory Culture*. *Music Educators Journal*, [S. l.], v. 99, n. 4 p. 29-36, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0027432113483318>. Acesso em: 10 de jul. 2024.

WESTERMANN, Bruno. Plataformização e educação musical: um museu de grandes novidades?. In: BELTRAME, Juciane Araldi... [et al.] (org.). *Práticas digitais em educação musical: reflexões e experiências*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2023. p. 57 - 78.